

HYPÁTIA DE ALEXANDRIA: MULHER E CIÊNCIA EM UM AUDIOVISUAL NA DOCÊNCIA

HYPATIA OF ALEXANDRIA: WOMAN AND SCIENCE IN CINEMA IN TEACHER FORMATION

HIPATIA DE ALEXANDRIA: LA MUJER Y LA CIENCIA EN UN AUDIOVISUAL PARA LA ENSEÑANZA



10.56238/ramv19n14-004

Marcos Felipe Gonçalves Maia

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: marcosmaia@uft.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8118-6211>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9783368193031157>

Maria Eulina Pessoa de Carvalho

Doutora em Currículo, Ensino e Política Educacional

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: mepcarv@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2947-5814>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4066341343633963>

RESUMO

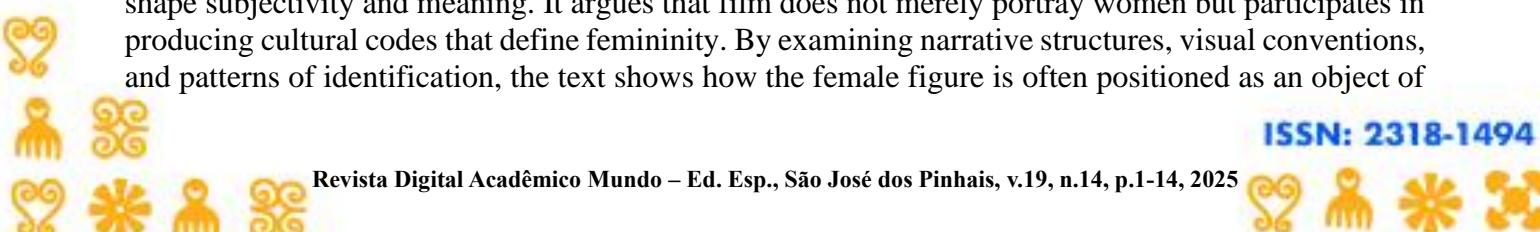
O artigo analisa o uso do filme Ágora (Alexandria) na formação inicial de docentes em Pedagogia, buscando discutir relações entre gênero, ciência e poder a partir da trajetória de Hypácia de Alexandria. A proposta parte da compreensão de que a história da ciência foi marcada por desigualdades e apagamentos que ainda influenciam a forma como o conhecimento é produzido e valorizado. A pesquisa, realizada com 123 estudantes, examinou resenhas produzidas após a exibição do filme, organizando as respostas por meio de análise de conteúdo e análise do discurso. Os resultados mostram que Hypácia foi reconhecida como figura intelectual de destaque, mas sua morte foi frequentemente romantizada, revelando a persistência da naturalização da violência contra mulheres. As tensões políticas e as práticas científicas representadas no filme também mobilizaram reflexões, embora raramente associadas às questões de gênero. Conclui-se que o audiovisual é recurso potente, desde que articulado a uma mediação pedagógica crítica.

Palavras-chave: Gênero. Ciência. Hypácia. Docência. Audiovisual.

ABSTRACT

The text explores how cinema constructs the image of women through systems of representation that shape subjectivity and meaning. It argues that film does not merely portray women but participates in producing cultural codes that define femininity. By examining narrative structures, visual conventions, and patterns of identification, the text shows how the female figure is often positioned as an object of

ISSN: 2318-1494



the gaze, confined to roles that limit her agency. It also highlights the tensions between what is shown on screen and the possibilities of women's experiences outside dominant discourses. The analysis proposes that understanding these mechanisms is essential for challenging established forms of representation and for imagining alternative cinematic languages. Ultimately, the text calls for a critical engagement with film that reveals how gender operates within visual culture and how different expressive strategies can open space for new forms of subjectivity.

Keywords: Gender. Science. Hypatia of Alexandria. Teaching. Cinema.

RESUMEN

El artículo analiza el uso de la película Ágora (Alejandría) en la formación inicial de docentes en Pedagogía, con el objetivo de discutir las relaciones entre género, ciencia y poder a partir de la trayectoria de Hipatia de Alejandría. La propuesta parte de la comprensión de que la historia de la ciencia ha estado marcada por desigualdades y omisiones que aún influyen en la forma en que se produce y valora el conocimiento. La investigación, realizada con 123 estudiantes, examinó las reseñas producidas tras el visionado de la película, organizando las respuestas mediante el análisis de contenido y el análisis del discurso. Los resultados muestran que Hipatia fue reconocida como una figura intelectual destacada, pero su muerte fue a menudo idealizada, lo que revela la persistencia de la naturalización de la violencia contra las mujeres. Las tensiones políticas y las prácticas científicas representadas en la película también suscitaron reflexiones, aunque rara vez se asociaron con cuestiones de género. Se concluye que el audiovisual es un recurso potente, siempre que se articule con una mediación pedagógica crítica.

Palabras clave: Género. Ciencia. Hipatia. Docencia. Audiovisual.



1 INTRODUÇÃO

Ao tratar do assunto sobre “mulheres e ciência”, chamamos atenção a dois pontos: a participação das mulheres nas ciências (como cientistas ou como “objeto” de estudo); e a perspectiva de gênero da ciência que nos faz questionar como as próprias práticas científicas, os paradigmas, normas institucionais e culturais fazem parte da produção de desigualdades de gênero e como podem ser reconfiguradas (Combes, 2025; Harding, 1986; Schiebinger, 1999).

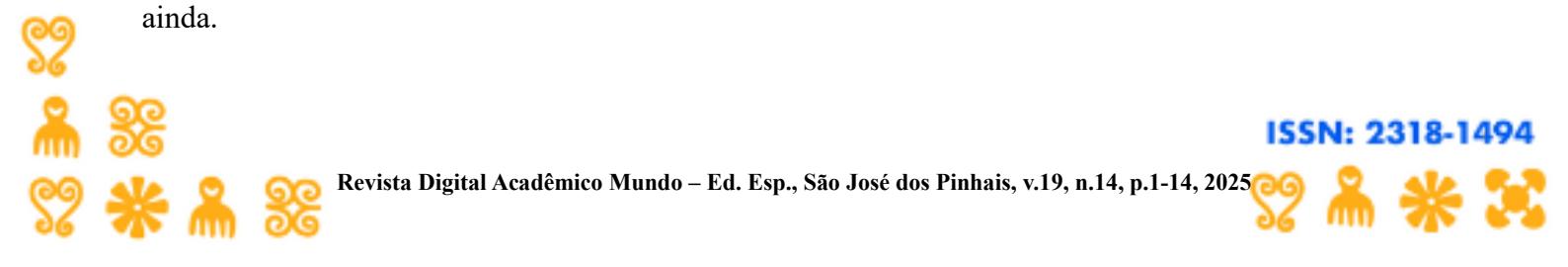
O que nos permite dizer que não é somente “colocar mais mulheres” (o que é muito bem vindo, que fique defendido!) nas ciências, mas perceber que todo o aparato empírico-ontológico das ciências, em seu ápice de neutralidade, fora sendo moldado por um mundo patriarcal. Nesse sentido, Sandra Harding (1986) distingue diferentes críticas feministas à ciência e afirma que essas críticas vão além da simples inclusão de mulheres: questionam os próprios pressupostos, métodos e valores da ciência. Estamos aqui mais interessadas neste segundo aspecto.

Neste artigo, trabalhamos essa proposta de uma maneira singular: concepções de gênero moldam tanto a participação das mulheres nesse campo de produção de saberes e conhecimentos, bem como modifica a própria estrutura do fazer científico (Tannenbaum, et al, 2019). O que implica em pelo menos dois pontos: a educação de meninas para profissões “a elas destinadas”, e, o reconhecimento da participação de mulheres na produção do conhecimento científico; bem como do seu processo histórico de exclusão e invisibilização (Harding, 1986).

Embora se reconheça que é possível perceber mudanças na visão “masculinista das ciências”, “essas mudanças ainda são insuficientes para mitigar completamente a persistente invisibilidade das mulheres na ciência moderna” (Fernandes; Costa, 2024, p. 23). Esse “padrão masculino” não se limita ao fato de maioria numérica de homens cientistas, mas envolve concepções culturais, simbólicas e educacionais: a ciência como domínio dos homens, sendo que as mulheres — ainda que participem — tendem a ser invisibilizadas ou marginalizadas (Fernandes; Costa, 2024). Na tentativa de problematizar esse cenário, trabalhamos a vida de uma cientista do passado a partir de um audiovisual.

Este artigo, apresenta, assim, uma experiência de formação inicial para a docência a partir da graduação em Pedagogia, problematizando gênero por meio de um audiovisual que trata da vida da filósofa, astrônoma, matemática e professora Hypátia de Alexandria. Tivemos o objetivo de compreender como estudantes da graduação percebem (se percebem) as problemáticas de gênero na ciência a partir de uma análise histórica, e quais são as imagens que nossas/os estudantes recorriam para “resenhar” o filme na disciplina de “pesquisa educacional”, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Uma mulher, que com sua história de vida nos ensina muito e com isso temos muito a ensinar, ainda.

 ISSN: 2318-1494

2 HYPÁTIA DE ALEXANDRIA: contexto histórico, disputas e representações

A vida de Hypátia de Alexandria (355–415 d.C.) desenrola-se em um dos períodos mais turbulentos da Antiguidade tardia, quando o declínio das tradições helenísticas coincidiu com a ascensão do cristianismo como religião oficial do Império Romano. Todavia, ela demonstrava ser especialista/pesquisadora de diversos campos do saber científico, sendo considerada referência por diversas autoridades de sua época (Alic, 1986; Dzielska, 1995).

Segundo Margaret Alic (1986), mulheres participavam da construção da ciência desde a Antiguidade, embora frequentemente invisibilizadas. Ainda segundo a autora, desde o Antigo Egito (3000 a.C.) as mulheres desenvolveram a medicina, matemática, astrologia e astronomia. Não somente no Egito, mas também na Mesopotâmia (Assíria, Babilônia e Suméria).

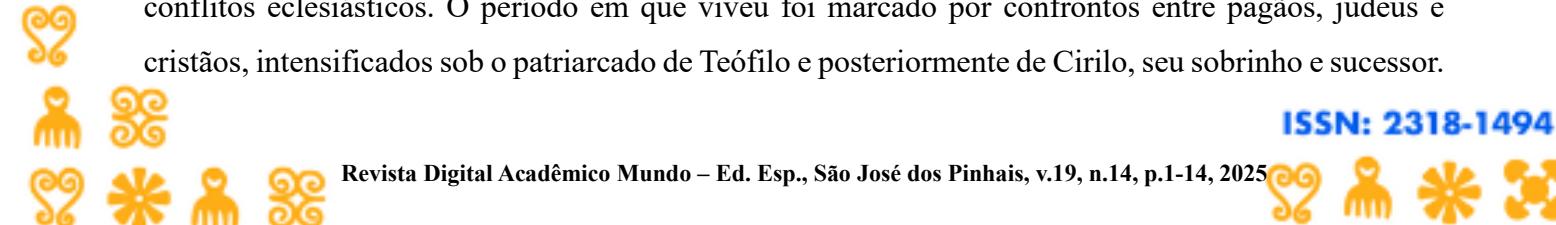
Hypátia emerge desse contexto como herdeira de uma longa tradição de mulheres cientistas do Egito e do Mediterrâneo, em um momento em que Alexandria — outrora centro intelectual ptolomaico — enfrentava tensões políticas, religiosas e culturais profundas. A cidade vivia o esgotamento da ciência greco-romana e o avanço do cristianismo imperial, selado pelo Édito de Tessalônica, criando um ambiente onde disputas de poder tornaram-se cada vez mais violentas (Alic, 1986).

Filha do matemático Theon de Alexandria (335-395 d.C.), Hypátia cresceu no ambiente do *Mouseion*, que perdera prestígio diante das escolas segregadas por religião (Alic, 1986). Ainda assim, sua formação filosófica e científica destacou-se tanto que, como demonstra Maria Dzielska (1995), ela passou a atrair estudantes de diversas regiões, sem distinção religiosa. Essa abertura é confirmada por fontes bizantinas como pelo lexicógrafo grego do décimo século depois de Cristo chamado Suidas e pelas cartas de Sinésio de Cirene, que evidenciam a rede de discípulos que a reconheciam como mestra. Alguns desses alunos tornaram-se figuras importantes do Império e da Igreja, indicando sua influência em círculos de poder (Dzielska, 1995).

A presença de Hypátia como mulher em posição de autoridade intelectual era um fenômeno raro. Alic (1986) analisa que mulheres que se dedicavam à ciência frequentemente eram atacadas ou precisavam evitar papéis sociais tradicionais para prosseguir seus estudos. Hypátia, entretanto, rompeu barreiras: andava entre filósofos, ensinava em espaços públicos e mantinha uma postura ética reconhecida até por autores cristãos posteriores.

Porém, deve-se destacar que Hypátia é uma exceção a ter notoriedade, não a participar na ciência. Conforme destaca Dzielska (1995), as matronas das elites eram muito estudadas justamente para supervisionar se a formação dos filhos homens estava sendo conduzida “conforme deveria ser”.

Além disso, Águeda Martinelli (2016) ressalta que sua figura não deve ser idealizada, mas compreendida em meio às tensões locais, onde coexistiam correntes filosóficas, rivalidades políticas e conflitos eclesiásticos. O período em que viveu foi marcado por confrontos entre pagãos, judeus e cristãos, intensificados sob o patriarcado de Teófilo e posteriormente de Cirilo, seu sobrinho e sucessor.

ISSN: 2318-1494

Todas essas questões são tratadas no filme *Ágora* (Alexandria), de Alejandro Amenábar. Farias Júnior (2021) analisa que narrativas cinematográficas, como o filme *Ágora*, condensam esses eventos, mas que historicamente eles se desenrolaram ao longo de décadas. O Templo de Serapeu, por exemplo, havia sido destruído anos antes da morte de Hypátia, e o filme utiliza recursos poéticos para simbolizar o fim da Antiguidade Clássica e o avanço do fundamentalismo religioso.

Dzielska (1995) enfatiza que ela não era “a última helênica”, nem uma militante anticristã; ao contrário, mantinha relações de respeito com diversas crenças e até protegia cristãos e escravos. Sua escola cultivava o ideal neoplatônico de ascensão espiritual por meio de todos os métodos epistemológicos possíveis.

Sua morte, registrada por Sócrates Escolástico na História Eclesiástica, tornou-se símbolo da violência política daquele tempo. Foi assassinada por um grupo de parabolanos, jovens associados tanto à assistência pública quanto ao braço mais agressivo do patriarcado alexandrino. Embora Cirilo não tenha ordenado o ataque, Dzielska (1995) observa que sua campanha de difamação contribuiu para o clima que tornou o crime possível.

A morte da filósofa foi posteriormente interpretada como um gesto antifeminista e marcou profundamente a memória da cidade. A escassez de documentos sobre sua obra pode ser explicada, segundo Dzielska, tanto pela natureza esotérica (ensinamentos somente para iniciados) de suas teorias quanto pela vergonha que o episódio causou aos alexandrinos.

Ainda assim, fragmentos de sua produção e referências de seus discípulos indicam sua contribuição à matemática, astronomia e filosofia, incluindo comentários sobre Apolônio e trabalhos de álgebra. A representação moderna de Hypátia foi moldada desde o século XVIII, quando intelectuais iluministas a transformaram em figura simbólica para debates religiosos e filosóficos. Dzielska (1995) lembra que foi nesse período que apareceram os primeiros estudos acadêmicos sobre sua vida, como o tratado de DJA Schmid em 1689.

O cinema contemporâneo, conforme analisa Farias Júnior (2021), continua reinterpretando sua trajetória, usando-a para refletir sobre razão, intolerância e liberdade científica. O filme *Ágora*, embora criticado por não corresponder a valores conservadores (Pomeroy, 2017), contribui para reacender o debate sobre o impacto do fanatismo religioso no desenvolvimento da ciência, ilustrando — ainda que com licenças poéticas — o ambiente intelectual ao qual Hypátia pertencia.

Para Pomeroy (2017), a obra reforça a ideia de que a Antiguidade tardia não foi apenas um tempo de transição, mas de colapso de uma ordem racional. Assim, a história de Hypátia revela muito mais do que a biografia de uma filósofa assassinada. Ela representa a permanência das mulheres na ciência ao longo dos séculos, a resistência intelectual diante de fundamentalismos e a complexidade dos encontros entre culturas, religiões e saberes na Alexandria do século IV d.C. Com isso, Bourdieu

(1998) nos lembra que recuperar trajetórias como a de Hypácia é romper com a dominação masculina que naturalizou o apagamento das mulheres na ciência.

Hypácia e seu círculo simbolizam, acima de tudo, a persistência da razão e da curiosidade científica em um período marcado por conflitos e transformações profundas — uma herança que continua a inspirar o pensamento contemporâneo. Assim como inspirou a película de Alejandro Amenábar: Agora. Nesse sentido, trabalhar com cinema, audiovisual e filmes na educação superior é uma forma artística que se apresenta “ao aluno como ponto de partida para uma reflexão crítica sobre questões políticas, filosóficas, sociológicas, antropológicas e educacionais” (Lopes, 2017, p. 212).

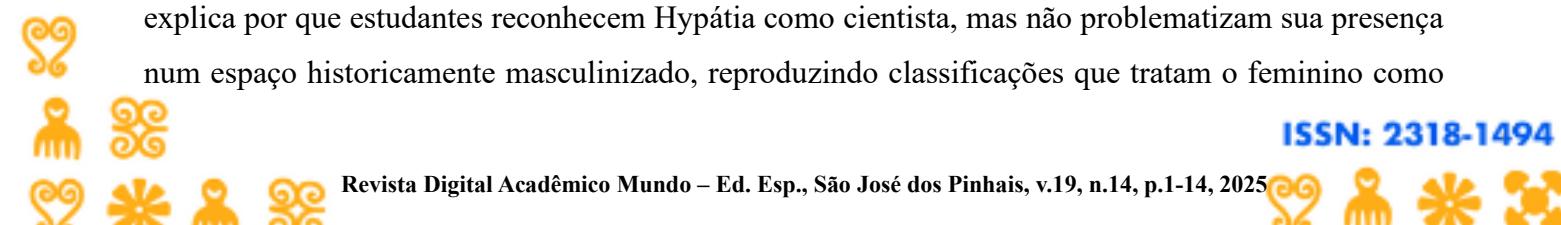
O título do filme no original remete à palavra grega utilizada, nos tempos de Hypácia, à praça pública. O que mais tarde Habermas (1984) vai expandir para a esfera pública. De todo modo, o filme tenta levar para o privado, o público, e para o público, o privado. Nesse diálogo do interno com o externo, as tomadas do filme inclusive mostram a cidade de Alexandria primeiro por fora do globo terrestre. Nesse movimento dialético a “realidade” vai sendo contada. O filme narra, então, Hypácia já em vida adulta, passando por suas teorias, experimentações, aulas e questões político-sociais. Até a sua morte.

A ágora funciona como imagem histórica do que Habermas (1984), séculos depois, conceitualiza como esfera pública: um espaço de debate e visibilidade coletiva; porém, enquanto a ágora era um espaço físico e restrito, a esfera pública habermasiana é um processo comunicativo mais amplo e idealmente inclusivo.

3 CONTRIBUIÇÃO DE MULHERES À CIÊNCIA: uma demanda político-pedagógica

A incorporação obrigatória das experiências e perspectivas femininas no currículo, conforme estabelece a Lei 14.986/2025, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), responde diretamente a uma demanda político-pedagógica urgente: reparar a invisibilização histórica das mulheres na produção do conhecimento. Como argumenta Margaret Alic (1986), a exclusão sistemática de mulheres das narrativas científicas produziu a falsa impressão de que elas foram exceção, quando na realidade estiveram presentes em todas as sociedades e períodos históricos, ainda que omitidas das memórias oficiais. Reintegrar essas trajetórias não é apenas um ato de justiça histórica, mas uma estratégia formativa que amplia referências, questiona desigualdades e transforma modos de ensinar ciência e história.

A exigência de incorporar perspectivas femininas ao currículo, como determina a Lei 14.986/2025, confronta diretamente o que Bourdieu (1998) descreve em A Dominação Masculina: a naturalização simbólica que faz da ciência um território masculino. Essa lógica, inscrita no habitus, explica por que estudantes reconhecem Hypácia como cientista, mas não problematizam sua presença num espaço historicamente masculinizado, reproduzindo classificações que tratam o feminino como

ISSN: 2318-1494

exceção. Quando o currículo omite trajetórias como a de Hypátia, reforça-se a dominação simbólica que invisibiliza contribuições femininas e legitima narrativas que romantizam violências. Reintegrar essas histórias, portanto, não é só reparar apagamentos, mas desestabilizar percepções que sustentam desigualdades. Assim, incluir figuras como Hypátia torna-se um gesto político e epistêmico que amplia referências, questiona hierarquias e evidencia a ciência como campo plural e disputado.

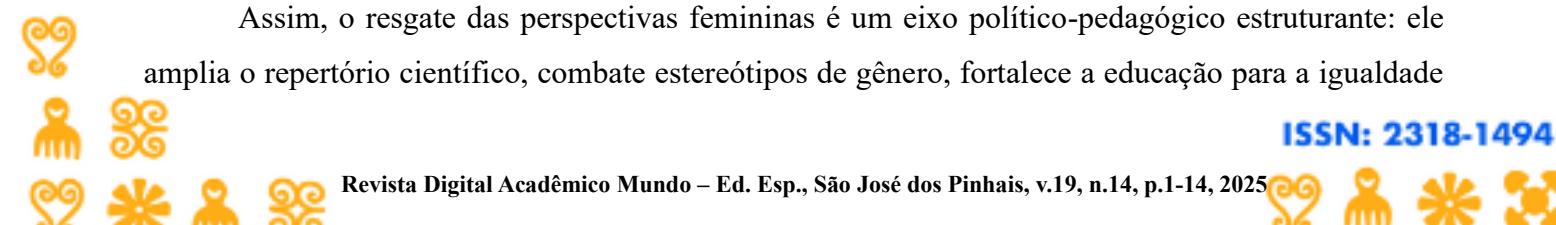
A trajetória de Hypátia de Alexandria evidencia por que esse resgate é indispensável. Sua formação científica, sua atuação docente aberta a diferentes grupos religiosos e sua influência entre intelectuais e autoridades do século IV d.C. revelam que mulheres exerceiram (e ainda exercem) papéis centrais no desenvolvimento científico, mesmo em contextos de forte tensão política e religiosa, como demonstram Dzielska (1995) e Martinelli (2016). Quando o currículo ignora esse legado, reforça-se a ideia de que ciência é uma atividade masculina, apagando disputas, contribuições e epistemologias que ampliam a compreensão crítica da própria ciência (Harding, 1986; Schiebinger, 1999).

Os resultados desta pesquisa com estudantes de Pedagogia demonstram como essa ausência impacta a percepção contemporânea. Ao assistir ao filme Ágora, muitos reconheceram Hypátia como cientista e filósofa, mas deixaram de problematizar o fato de que uma mulher ocupasse esse lugar na Alexandria tardo-antiga — revelando que naturalizamos a excepcionalidade feminina na ciência. A análise do discurso mostrará ainda a reprodução de narrativas que romantizam o feminicídio ou o submetem ao olhar masculino, evidenciando o quanto a formação escolar e universitária precisa abordar criticamente construções de gênero para desnaturalizar desigualdades e violências.

A própria recepção do filme, como analisam Farias Júnior (2021) e Pomeroy (2017), mostra como representações audiovisuais moldam interpretações históricas, frequentemente reforçando estereótipos ou simplificando tensões políticas e religiosas. Por isso, trabalhar com obras como Ágora em sala de aula — articuladas a estudos históricos rigorosos — torna-se uma prática pedagógica potente para discutir não apenas a história das mulheres, mas também a produção e o uso social do conhecimento. Hypátia, reinterpretada ao longo dos séculos, torna-se um estudo de caso privilegiado sobre memória, poder e disputa narrativa.

Nesse sentido, atender ao que determina a Lei 14.986/2025 não implica apenas acrescentar biografias de mulheres, mas transformar as formas de ensinar ciência, história e filosofia. A presença de Hypátia no currículo desafia a visão linear e masculina da história da ciência e convida à análise das relações entre saber, corpo, gênero e política — dimensões fundamentais para a formação cidadã. A Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História, instituída pela lei, oferece ainda um espaço institucional para inserir debates que articulem passado e presente, conhecimento e justiça social.

Assim, o resgate das perspectivas femininas é um eixo político-pedagógico estruturante: ele amplia o repertório científico, combate estereótipos de gênero, fortalece a educação para a igualdade

 ISSN: 2318-1494

e permite compreender a ciência como campo plural, histórico e disputado (Harding, 1986). Ao integrar figuras como Hypátia, o currículo não apenas repara silenciamentos, mas forma estudantes capazes de reconhecer que mulheres sempre fizeram ciência — e que seu protagonismo é condição para um projeto democrático de educação; e de real impacto nas ciências e nas engenharias (Tannenbaum, et al., 2019).

4 METODOLOGIA E RESULTADOS

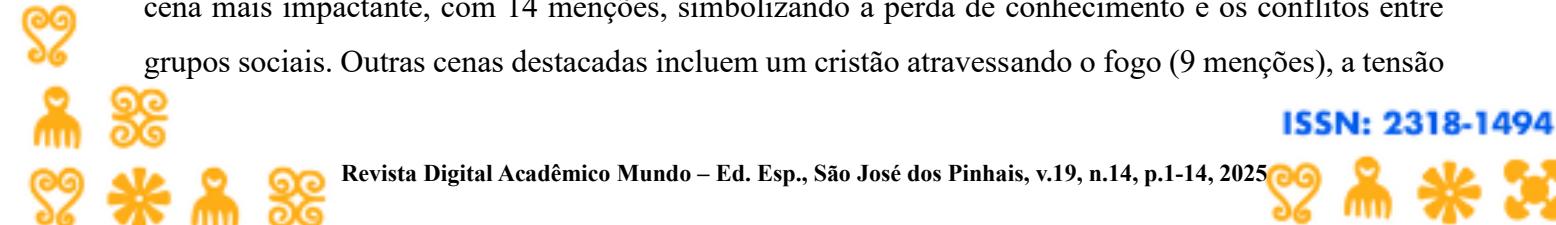
A pesquisa foi realizada ao longo de quatro semestres letivos, com quatro turmas de graduação em Pedagogia da UFPB, totalizando a participação de 123 estudantes. Durante as aulas, o filme foi exibido, e os e as estudantes produziram resenhas em casa, destacando as cenas que mais lhes impactaram. Essa era uma atividade da modalidade de escrita acadêmica onde estávamos trabalhando a “resenha”. Foi pedido que cada estudante deveria escrever uma resenha sobre o filme indicando os pontos que mais lhes chamaram a atenção. Não houve nenhum debate inicial sobre gênero. A devolutiva era feita depois da análise das resenhas. Aí era onde fizemos as intervenções propriamente a partir do campo dos estudos de gênero.

A análise das resenhas foi conduzida em duas etapas: análise de conteúdo (Bardin, 2004) e análise do discurso (Fischer, 1997, 2001). Na etapa de análise de conteúdo, os temas e cenas destacados foram organizados em três categorias principais: 1) representação de Hypátia, 2) ciência e ensino, e 3) tensões políticas. No total, foram identificadas 208 menções a cenas específicas.

Na categoria "Hypátia", destacaram-se discussões sobre sua representação como professora, astrônoma e filósofa (56 menções), bem como o impacto de sua morte por asfixia – descrita como um ato de misericórdia (45 menções). Outras cenas mencionadas incluem sua incriminação por Cirilo (12), sua posição como única mulher na narrativa (9), sua recusa ao casamento (8) e o assédio sofrido por Davus (4). Essas observações revelam que os estudantes enxergaram Hypátia como um símbolo de resistência intelectual e desafio às normas de gênero de sua época. Contudo, algumas resenhas apontaram a naturalização do feminicídio sob a justificativa de “prova de amor”.

Na categoria "Ciência", as menções estavam relacionadas às aulas e descobertas científicas retratadas no filme. O modelo geocêntrico e heliocêntrico foi o tema mais citado (8 menções), seguido pela aula prática no barco (6), a explicação do primeiro axioma (5) e os estudos sobre o Cone de Apolônio e os planetas (4 cada). As resenhas demonstraram que os estudantes reconheceram a ciência como um campo de exploração e debate, embora não tenham abordado criticamente o fato de uma mulher exercer o papel de cientista naquele período histórico.

Na categoria "Tensões Políticas", a destruição da biblioteca de Alexandria foi considerada a cena mais impactante, com 14 menções, simbolizando a perda de conhecimento e os conflitos entre grupos sociais. Outras cenas destacadas incluem um cristão atravessando o fogo (9 menções), a tensão

ISSN: 2318-1494

entre gregos e cristãos (4), os ataques de escravos contra senhores (4), a passagem dos cristãos de intolerados a intolerantes (4), os atritos entre cristãos e judeus (4) e o ataque dos gregos (4). Essas menções evidenciam como o filme promove reflexões sobre intolerância e fanatismo, conectando-as às dinâmicas entre religião, política e violência.

A segunda etapa da pesquisa envolveu a análise do discurso em torno da cena mais recorrente nas resenhas: a morte “por misericórdia” de Hypácia. Quase todas as resenhas justificaram o ato como uma demonstração do amor do escravo Davus por sua senhora, que preferiu matá-la com suas próprias mãos para poupará-la de uma morte mais violenta por outros homens. Essa interpretação revela discursos que reforçam relações de posse e domínio sobre o corpo feminino, naturalizando formas de opressão (Bourdieu, 1998).

A análise destacou como os estudantes reproduziram noções de masculino e feminino, sagrado e profano, normal e patológico, sem questioná-las criticamente. Esquecem, ou até não sabem, que a mídia, logo o cinema, tem sido “um local privilegiado para superposição de verdades” (Fischer, 1997, p. 65). (Aqui falamos das resenhas, nas turmas tivemos oportunidades de novos diálogos; e a compreensão sobre o feminicídio foi alargada).

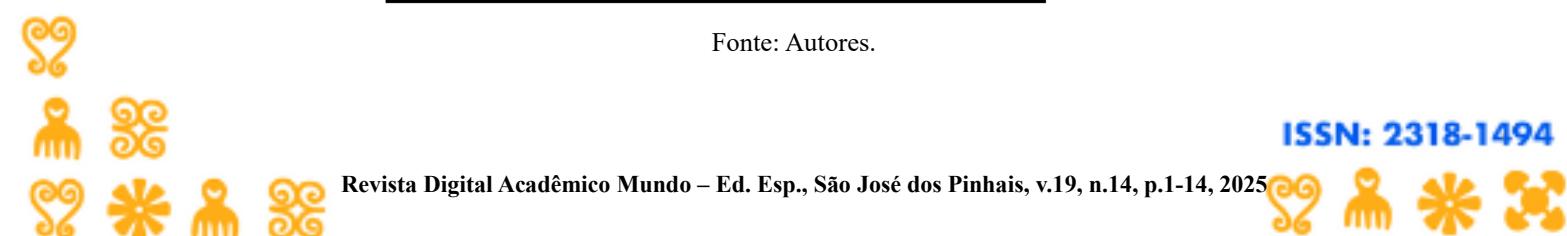
A tabela a seguir indica a distribuição da quantidade de cenas resgatadas pelos/as estudantes. Foi utilizada a abordagem de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2004).

Tabela 1: distribuição das imagens destacadas nas resenhas produzidas por estudantes organizadas em três categorias de análise.

Agrupamento	Cenas Retomadas nas Resenhas	Quantidade
Hypácia	Hypácia: professora, astrônoma e filósofa	56
	Hypácia asfixiada como misericórdia	45
	Cirilo incrimina Hypácia	12
	Hypácia: única personagem mulher	9
	Falta de desejo de Hypácia em casamento	8
Ciência	Assédio de Davus	4
	Modelo geocêntrico/heliocêntrico	8
	Aula prática no barco	6
	Primeiro axioma	5
	Cone de Apolodoro	4
	Estudo sobre planetas	4
Tensões políticas	Pesquisa e os métodos	4
	Destrução da biblioteca	14
	Andar no fogo	9
	Tensão entre gregos e cristãos	4
	Escravos atacam senhores	4
	Cristãos passam de intolerados a intolerantes	4
	Atritos entre cristãos e judeus	4
	Ataque dos gregos	4
	TOTAL DE MENÇÕES ÀS CENAS	208
TOTAL DE ESTUDANTES		123

Fonte: Autores.

ISSN: 2318-1494



A metodologia possibilitou esse tipo de exame porque oferece um procedimento sistemático para **identificar, categorizar e interpretar unidades de sentido** presentes nos textos analisados (Bardin, 2004). A partir da pré-análise, definição das categorias e codificação, é possível transformar menções dispersas em dados organizados — como o agrupamento das cenas em “Hypátia”, “ciência” e “tensões políticas”. Esse processo permite não apenas quantificar ocorrências (por exemplo, número de menções a determinadas cenas), mas também **interpretar qualitativamente** os significados atribuídos pelos estudantes, evidenciando percepções, simbolismos e silenciamentos que emergiram (Fischer, 2001). É esta outra camada de análise que será apresentada a seguir: “agrupamentos”, que doravante chamaremos de “cenários”: Hypátia, Ciência, Tensões Políticas.

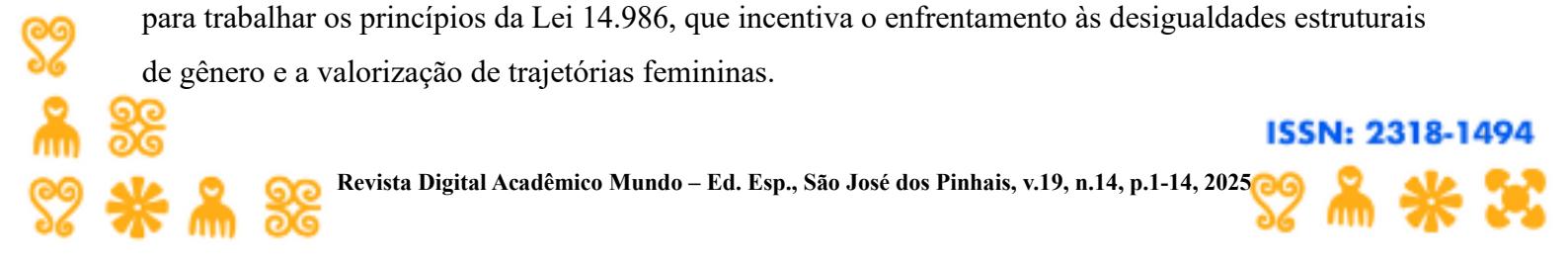
5 UM AUDIOVISUAL, TRÊS CENÁRIOS: Hypátia, Ciência e Tensões Políticas

As menções sobre Hypátia — professora, filósofa e astrônoma — foram as mais numerosas, indicando que os estudantes perceberam a centralidade intelectual da personagem e reconheceram seu papel como figura de autoridade no campo do conhecimento (56 menções). Isso pode ser o que Teresa de Lauretis (1993) chama de “atravessamento do espelho”, quando o cinema consegue transformar as condições de visibilidade das mulheres.

A frequência com que destacaram seu assassinato por asfixia apresentado como ato de “misericórdia” (45), por outro lado, revela que essa cena foi profundamente marcante, pois confronta diretamente a naturalização da violência contra mulheres. Embora o filme siga a ideia de colocar a mulher como central e sua real importância na ciência, com aquele atravessamento do espelho (De Lauretis, 1993), as/os alunas/os, em sua maioria, afirmaram nas resenhas que o ato de assassinato do escravo por asfixia para poupar-a da turba violenta, foi apresentado como “ato de misericórdia”. Somente após diálogo em sala que conseguiram ver que foi um assassinato, mas que eles amenizaram a dor talvez de se projetar e ver, e saber dos feminícios que ainda nos afetam hoje em dia. Talvez... mas não ensaiamos respostas aqui. Apenas ressaltamos que é importante enfrentar estereótipos por meio de diversas linguagens, tais como o audiovisual, artivismos, etc.

Situações como incriminação de Hypátia por Cirilo (12), sua condição como única mulher na narrativa (9), a recusa ao casamento (8) e o assédio de Davus (4) reforçam que os estudantes identificaram múltiplas camadas de desigualdade de gênero historicamente construídas. E é justamente este tornar-se conscientes que é um dos propósitos da educação para a igualdade e para as transformações das inequidades de gênero (Maia; Carvalho, 2023).

Esses dados mostram que o filme despertou atenção para a posição vulnerabilizada ocupada por mulheres em sociedades patriarcais. Esse conjunto de cenas oferece material pedagógico potente para trabalhar os princípios da Lei 14.986, que incentiva o enfrentamento às desigualdades estruturais de gênero e a valorização de trajetórias femininas.

 ISSN: 2318-1494

Hypátia torna-se exemplo emblemático de uma mulher cuja produção intelectual foi silenciada por dinâmicas de poder misóginas, permitindo discutir com os estudantes como a exclusão de mulheres da ciência não é acidental, mas historicamente construída (Bourdieu, 1998). Além disso, as cenas de assédio, perseguição e feminicídio podem ser mobilizadas para problematizar a naturalização da violência contra mulheres e ampliar o debate sobre direitos, justiça e equidade nas instituições contemporâneas, estimulando uma compreensão crítica do papel da escola em enfrentar desigualdades simbólicas e materiais (Bourdieu, 1998).

As menções relacionadas à ciência — modelo geocêntrico e heliocêntrico (8), aula prática no barco (6), primeiro axioma (5), cone de Apolônio (4), estudo dos planetas (4) e métodos de pesquisa (4) — mostram que os estudantes reconheceram o filme como espaço de aprendizagem científica. Embora o número de menções seja menor do que das categorias de gênero e política, os registros revelam que as cenas ajudaram os estudantes a compreender a ciência como campo de debate, investigação e problematização (Harding, 1986).

Percebe-se disso que eles e elas focaram mais nos conteúdos apresentados do que no fato de uma mulher ser a protagonista científica, o que reforça a importância de intervenções pedagógicas explícitas para evidenciar como gênero atravessa a história da ciência (Schiebinger, 1999).

Essas cenas permitem desenvolver, no contexto da Lei 14.986, ações pedagógicas que discutam a invisibilidade histórica das mulheres na produção científica. Ao apresentar Hypátia ensinando, pesquisando e formulando hipóteses, o filme oferece um contraponto ao imaginário que associa racionalidade e ciência aos homens, possibilitando trazer para a sala de aula debates sobre epistemologias marginalizadas, apagamentos e desigualdades na ciência (Harding, 1986).

Por fim, na categoria das tensões políticas, a cena mais mencionada foi a destruição da Biblioteca de Alexandria (14), vista como símbolo da perda de conhecimento, intolerância e conflito entre grupos sociais. Outras menções — andar no fogo (9), tensão entre gregos e cristãos (4), ataques de escravos contra senhores (4), cristãos que passam de intolerados a intolerantes (4), atritos entre cristãos e judeus (4) e ataques dos gregos (4) — mostram que os estudantes interpretaram o filme como narrativa sobre violência, conflitos de poder e fanatismo. Essas percepções indicam sensibilidade para a complexidade histórica das relações políticas e religiosas, assim como para os processos de dominação e resistência que atravessam sociedades.

Essas cenas são particularmente úteis para trabalhar os princípios da Lei 14.986, pois permitem discutir como práticas de intolerância — religiosa, política, social ou de gênero — produzem silenciamentos, destruições simbólicas e materiais, e perpetuam desigualdades. A destruição da biblioteca, por exemplo, pode ser articulada à ideia de epistemicídio, conceito essencial para compreender como grupos historicamente oprimidos têm suas formas de saber apagadas. Discutir essas tensões políticas no ambiente escolar ajuda a promover uma cultura de respeito à diversidade,



enfrentamento ao fanatismo e defesa dos direitos humanos, contribuindo para formar estudantes capazes de analisar criticamente raízes históricas dos conflitos contemporâneos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa mostram que o audiovisual Ágora (Alexandria) é um recurso didático potente para problematizar representações de gênero, ciência e poder. As 208 menções analisadas indicam que as cenas envolvendo Hypátia foram as mais mobilizadoras, tanto pelo seu papel como figura intelectual quanto pela violência que sofreu. A recorrência de leituras que romantizam sua morte evidencia como discursos sociais persistentes moldam nossa compreensão sobre mulheres históricas.

As interpretações dos/as estudantes também revelam atenção às tensões políticas e às práticas científicas do contexto alexandrino, embora muitas vezes dissociadas das relações de gênero que lhes são constitutivas. Assim, ainda que o filme estimule reflexões significativas, torna-se clara a necessidade de mediação pedagógica crítica para desconstruir naturalizações e ampliar o entendimento sobre desigualdades estruturantes, em consonância com diretrizes curriculares que valorizam perspectivas históricas femininas.

Quando trabalhada de forma contextualizada, a trajetória de Hypátia demonstra que mulheres estiveram presentes e atuantes na ciência desde a Antiguidade, contribuindo para seu desenvolvimento mesmo diante de condições adversas. Integrar essa discussão à formação docente amplia o repertório crítico sobre violência de gênero, epistemicídio, silenciamento e desigualdade na produção do conhecimento, reforçando o papel da educação no enfrentamento dessas questões.

Mais do que registrar a presença de uma mulher notável, trata-se de promover uma prática educativa que reconheça a ciência como campo plural e historicamente disputado. Em síntese, ensinar com e sobre Hypátia significa não apenas revisitar o passado, mas investir na construção de futuros mais igualitários e críticos, nos quais as contribuições das mulheres para a ciência e a educação sejam reconhecidas e valorizadas.



REFERÊNCIAS

ALIC, Margaret. **Hypatia's heritage**: a history of women in science from antiquity to the late nineteenth century. London: The Women's Press, 1986

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**: édition augmentée d'une préface. Paris: Edições du Seuil, 1998.

COMBES, Françoise (org.). **Genre et sciences**. Paris: College de France, 2025.

DE LAURETIS, Teresa. Através do espelho: mulher, cinema e linguagem. **Estudos Feministas**, v. 1, n. 1, p. 98-122, 1993. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-026x1993000100006&script=sci_abstract Acesso em 25 nov 2025.

DZIELSKA, Maria. **Hypatia of Alexandria**. Cambridge; London: Harvard University Press, 1995.

FARIAS JÚNIOR, José Petrúcio. Hipátia e os conflitos religiosos de Alexandria como objeto da produção cinematográfica: estudos a partir de *Ágora*. **Revista Jesus Histórico**, v. 27, 2021.

FERNANDES, Hylio; COSTA, Angélica. Mulheres cientistas nos livros didáticos de ciências do Brasil no século XXI. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 24, jan./dez., 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/48227>. Acesso em 25 nov. 2025.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**. v. 2, n.2, p. 59-79, jul./dez. 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em Educação. **Cad. Pesqui.**, 2001. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci_abstract Acesso em 25 nov 2025.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARDING, Sandra. **The Science Question in Feminism**. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

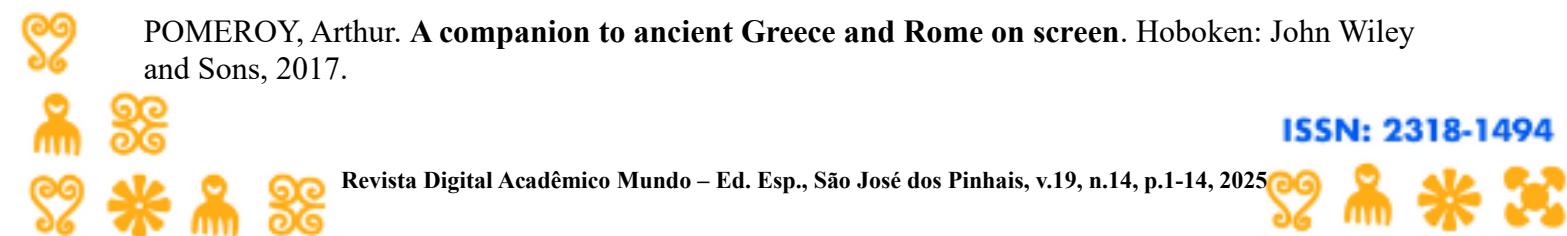
LOPES, José de Sousa. O cinema na docência universitária. In: BARBOSA, Maria; TEIXEIRA, Inês; COSTA, Maria (orgs.). **Territórios da docência no ensino superior**. Curitiba: CRV, 2017. p. 201-214,

MAIA, Marcos; CARVALHO, Maria. Clube do livro na prisão, corpos abjetos, identidades em suspenso na extensão. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 9, 2023.

MARTINELLI, Águeda. Hypatia de Alexandria: por uma história não idealizada. In: PACHECO, Juliana (Org.). **Filósofas**: a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p.64-83.

POMEROY, Arthur. **A companion to ancient Greece and Rome on screen**. Hoboken: John Wiley and Sons, 2017.

ISSN: 2318-1494



SCHIEBINGER, Londa. **Has Feminism Changed Science?** Cambridge: Harvard University Press, 1999.

TANNENBAUM, Cara; ELLIS, Robert; EYSSEL, Friederike; ZOU, James; SCHIEBINGER, Londa. Sex and gender analysis improves science and engineering. **Nature**, n. 575, 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-019-1657-6>. Acesso em 25 nov. 2025.